



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

BRASÍLIA, 20 DE ABRIL DE 1960.

NA PRAÇA DOS TRES PODERES, DIRIGINDO-SE
AOS OPERARIOS QUE CONSTRUIRAM A CAPITAL.

401 Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da
epopéia da construção de Brasília, recebo, profundamente
emocionado, a chave simbólica da cidade filha
do nosso esforço, da nossa crença, de nosso amor a êste

País. Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros. Falei em epopéia, e retomo a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida, uma época, isto é, “o lugar do céu em que um astro atinge o seu apogeu”. Chegamos hoje, realmente, ao ponto alto da nossa obra. Criando-a, oferecemos ao mundo uma prova do muito que somos capazes de realizar e a nós próprios nos damos uma extraordinária demonstração de energia, e mais conscientes nos tornamos das nossas possibilidades de ação.

Entre o Presidente da República, que vos fala, e vós, trabalhadores de várias categorias — técnicos, empreiteiros, fornecedores, mestres-de-obras, operários e aprendizes, homens da iniciativa privada, que para cá vos transferistes e me ajudastes — nestes anos de labor incessante, pelos dias e pelas noites, se formou tal vínculo de amizade, se estreitou tal estima, se estabeleceu tal corrente de compreensão, que nos ligamos todos para o mesmo objetivo, que se nos faziam comuns os problemas de cada um. A irmanação de quantos aqui trabalharam lembra a construção das catedrais da Idade Média, quando artistas anônimos, mestres, aprendizes se animavam pela fé em Deus, em cuja honra se levantaram êsses poemas arquitetônicos. 402

Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a Fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, *candangos*, a que me orgulho de pertencer. Viestes, alguns de Minas Gerais, outros de Estados limítrofes, a maioria do Nordeste. Caminhastes de qualquer maneira até aqui, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; porque vos contaram que uma estrêla nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da bandeira da Pátria. Reconheço e proclamo, neste momento, 403

que sois expressão da fôrça propulsora do Brasil. Tínheis fome e sede de trabalho num país em que tudo estava e está ainda por fazer. Os que duvidaram desta vitória; os que nos procuraram impedir a ação; os que se desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes do que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História os que não compreenderam e não amaram esta obra. Deixemos de lado as dificuldades, as canseiras, as incompreensões, os interêsses contrariados, alguns de puro egoísmo, outros compreensíveis; deixemos de lado a tendência do imobilismo, as injustiças, até os desumanos ataques. A hora é de emoção. Atingimos o pôrto para onde se dirigiam as nossas esperanças. As peripécias da viagem e êste mar de trabalho, esta extensão de tarefas que parecia infinita, verificamos hoje como foi rápido vencê-los todos. Quatro anos sòmente são transcórridos desde o dia em que dormi aqui numa tenda, em plena solidão do Brasil, no sertão sem fim, vendo rondar o meu acampamento a ameaçadora presença de animais selvagens. Nestes quatro anos, com que febre vos atirastes ao trabalho! À vossa frente se punha êsse capitão da Epopéia, êsse incansável Israel Pinheiro, que abandonou o confôrto, a posição política, para dedicar-se, de corpo e alma, ao que parecia uma aventura, ao que ontem constituía um risco, e hoje é um triunfo.

404 Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao planalto; vi como pegastes no trabalho; como vos animastes, homens à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para o nosso país. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Falais pouco, apenas o suficiente, pois o so-

frimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação.

Trabalhou-se aqui em três turnos, durante tôdas as horas do ciclo da terra em redor do sol. O nosso sol era a Cidade que íamos todos construindo, levantando, erguendo. Um sol já existe em nosso desejo e em nossa esperança; estava, porém, invisível quando aqui cheguei com uns poucos colaboradores, no dia dois de outubro de 1956, à grande planície vazia, onde só encontramos, como sinal de presença de homem civilizado, um cruzeiro que a Comissão Demarcadora de Fronteiras mandara erguer em sinal de sua passagem. Brasília começou nesse momento a delinear-se em nossos espíritos. Fostes, *candangos*, com o vosso trabalho, os operários do milagre. Quantas vêzes, em horas mortas, vos acompanhei nas vigílias noturnas — quando, para espantar o sono, se rompia o vosso hábito de silêncio e por êstes êrmos ecoava o canto que vos mantinha des-
pertos e alerta.

Sei bem — todos o sabem — que os episódios do erguimento desta cidade, mesmo os mais obscuros figurarão na história que escrevestes com o vosso suor. Um dia virá alguém que fixará no papel a vossa vida de *candangos*. As gerações futuras desejarão saber tudo o que aconteceu na Capital da Esperança. E hão de rememorar, por certo, a iniciativa generosa de alguns amigos meus, que, diante das dificuldades para a primeira acomodação do Presidente da República no deserto, obtiveram por empréstimo quinhentos mil cruzeiros e construíram êsse “Catetinho”, rústica habitação, a primeira casa de Brasília, hoje entregue ao patrimônio histórico. Quero agradecer, agora, de público, a iniciativa que me permitiu dormir abrigado no dia 10 de novembro de 1956.

407 Recordo — que é ver outra vez com o coração — como se tivesse acontecido há poucos minutos, o meu primeiro encontro com os *candangos*, com os primeiros cinqüenta gloriosos e humildes brasileiros que sofreram e viveram aqui. Era uma meia centena de homens, molhados da cabeça aos pés, porque chovia copiosamente. Depois o grande e discreto Niemeyer traçou o hotel. Acelerou-se o ritmo de construção da cidade. Puseram-se em movimento as energias. O fruto aqui está.

408 Ninguém vos subtrairá a glória de ter lutado nesta batalha tremenda. Não vos esqueceria jamais, trabalhadores brasileiros de tôdas as categorias, a quem me sinto indissolúvelmente ligado. Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do amor de nossas lidas, eis a cidade, que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta. Ei-la plantada no coração do Brasil, o seu lugar exato. Eis as estradas abertas permitindo que os brasileiros de todos os Estados da Federação, venham à sua Capital. Começamos a transportar a civilização para o interior. Brasília começou a crescer. O Brasil começou a crescer também, mais rapidamente, para recuperar o tempo perdido.

409 É com profunda emoção que evoco os que, tendo tombado no campo de batalha, participam também desta vitória final — Bernardo Sayão, pioneiro de Brasília, que hoje repousa no campo da Esperança, os engenheiros e os *candangos* que Deus levou para a paz e para a glória.

410 Com a maior humildade, voltado para a Cruz da Descoberta e da Primeira Missa, que Portugal nos confiou para êste dia solene, agradeço a Deus o que foi feito. Sem a Sua vontade nada se move, não se ergue uma palha sequer. A vontade de Deus ergueu esta cidade. Com o pensamento na Cruz em que foi celebrado o Santo Sacrifício, peço ao Criador que mantenha cada vez mais coesa a unidade nacional, que nos dê

sempre esta atmosfera de paz, indispensável ao trabalho fecundo e conserve em vós, obreiros de Brasília, o mesmo espírito forte com que erguestes a grande cidade.